

## Capítulo 4

### Reflexões Finais

Neste capítulo final discutir-se-ão os objectivos e os resultados deste estudo sugeridos outros estudos, e apresentadas possíveis implicações para o ensino da História em Portugal.

Este estudo de investigação, no âmbito da cognição histórica, pretendeu encontrar resposta à seguinte questão de investigação:

- Quais as ideias tácitas que os alunos dos 7.º e 10.º anos de escolaridade têm acerca do Encontro entre Povos e Culturas Diferentes?

Nesta secção pretendemos fazer algumas reflexões que este estudo nos proporcionou.

Constatou-se através da análise dos dados empíricos que os alunos de ambos os níveis de escolaridade, envolvidos neste estudo, possuem ideias que estão contaminadas pelo seu contexto social, pelas suas vivências e experiências do seu dia a dia, pela família, pela sua cultura de referência, pelos media, mas também pela própria escola. Daí estas ideias assumirem um carácter idiossincrático, no fundo carregando muitas marcas do ser humano como os valores, os gostos, os interesses, as preocupações e até conceitos. Esta conclusão foi corroborada por Melo (2003a), no seu estudo centrado no conhecimento Tácito Substantivo Histórico dos adolescentes acerca da escravatura; por Cercadillo (2000) no seu estudo sobre Significância Histórica com alunos espanhóis e ingleses na abordagem da significância histórica; e por Monsanto (2004) no seu estudo sobre Concepções de Alunos sobre Significância Histórica no contexto da História de Portugal.

Deste modo constatou-se que os alunos ao tentarem compreender o fenómeno do contacto entre povos e culturas diferentes no contexto dos Descobrimentos, convocaram conceitos como Heróis; Economia; História; Cultura; Passado/ Presente, dentro dos quais se puderam contemplar várias generalizações.

Estas generalizações explicitam ideias dos alunos que sofrem a interferência de artefactos ficcionais, mediáticos como os livros de aventuras, os filmes mas também interferências da realidade portuguesa actual. Os assuntos veiculados diariamente pelos mais diversificados meios e que muitos deles constituem objecto de preocupação do cidadão português não são omitidos pelos alunos quando convocam ideias ao tentarem compreender este fenómeno de contactos entre povos e culturas.

Melo (2003a) corrobora algumas das reflexões atrás enunciadas ao referir que o crescente acesso dos alunos a fontes múltiplas de informação da temática histórica (filmes, romances, bandas desenhadas, e outros tipos de textos mediáticos) exige que a literacia sobre as linguagens que os alunos utilizam deva ser objecto de aprendizagem crítica na aula de História, pois muitas das fontes do conhecimento tácito histórico dos alunos são de natureza ficcional. Wineburg (2000) salientou também a importância dos filmes históricos em cassetes, vídeo ou DVD que estão ao alcance de qualquer um e que influencia o nosso conhecimento do passado. Através deste investigador mais uma vez podemos confirmar a influência de factores, que são exteriores à escola, sobre as ideias construídas pelos alunos e que são por vezes convocadas nas salas de aula.

Uma outra reflexão resultante deste estudo prende-se com a constatação de uma ligeira tendência dos alunos do 7ºano de escolaridade serem mais imaginativos nas suas explicações, enquanto que os alunos do 10ºano tendem a dar explicações mais sustentadas, recorrendo desta forma a explicações onde estejam presentes relações causa/efeito. Esta conclusão vai de encontro a uma das reflexões feitas por Melo (2003a) ao referir que quando a informação histórica é insuficiente, incompreendida ou ineficaz, os alunos desenvolvem estratégias que possam resolver os conflitos que nascem da coexistência entre as evidências históricas e o seu conhecimento tácito. Os mais novos recorrem assim com mais frequência às suas vivências pessoais e ao uso da imaginação, enquanto os mais velhos propõem hipóteses explicativas, enformadas por um certo grau de plausibilidade histórica.

Em relação à noção de causalidade, confirmou-se que os alunos envolvidos neste estudo na sua compreensão pensam sempre nas causas e nos efeitos positivos e/ou negativos que os factos implicaram e ou ainda implicam para o país. Esta ideia também é corroborada através do estudo de Monsanto (2004).

Constatou-se também, e em relação à questão cultural, que os alunos mais novos consubstanciam a cultura em práticas concretas, enquanto os alunos do 10º ano tendem a encarar a cultura de uma forma mais complexa, ao falarem de organização social das comunidades, ou de religião. Contudo esta abordagem feita por estes alunos é ainda muito superficial.

É aqui pertinente realçar que ao longo do discurso dos alunos envolvidos neste estudo, foi-se constatando um défice de informações sobre os Contactos entre Povos e Culturas Diferentes na época dos Descobrimentos. Podemos daqui inferir que nas aulas pouco valor se deve atribuir às práticas culturais dos povos que fomos contactando ao longo da expansão. É um dado adquirido, através da leitura de manuais, que os alunos ao estudarem a Expansão Portuguesa são direccionados mais para as questões de âmbito económico e político mas também para os factos, relegando-se para planos secundários as questões mais de âmbito social e cultural.

A esta conclusão chegaram Cruz, I. & Melo, M. C. (2004), ao reflectirem sobre os diálogos entre Portugueses e Brasileiros e Portugueses e Africanos. Estas investigadoras concluíram que o facto do estudo da Expansão Portuguesa estar norteado por uma perspectiva económica dominante, sendo os campos do social e do cultural mais ausentes, poderá explicar as opções dos conteúdos de escrita nos diálogos dos alunos. Acrescentam ainda que esta ausência pode comprometer a compreensão da importância das trocas culturais que se estabeleceram, bem como promover o estereótipo de que esses povos eram “atrasados”, facto que se constatou nas informações dadas por alguns alunos neste estudo.

Foi também constatado neste nosso estudo, que os alunos do 7º ano mostraram uma tendência em fazer mais juízos de valor do que os alunos do 10º ano, embora estes estivessem presentes nas suas respostas, surgiram com menos frequência. Estes últimos mostraram mais cuidado ao avaliarem o povo português no que toca ao acolhimento de povos diferentes, pois procuraram não generalizar o comportamento e atitudes dos portugueses, optando pelo recurso de situações concretas do seu quotidiano. A presença de julgamentos no discurso dos alunos é também confirmada no estudo de Melo (2003a), ao referir que o tema da escravatura compele os alunos a assumir este tom, dado que essa instituição é uma afronta à sua matriz cultural contemporânea.

È também aqui pertinente salientar que estes alunos, independente do nível de escolaridade a que pertencem, usaram a terceira pessoa do plural “nós” e o pronome possessivo “nosso”, quando se referiam a aspectos da História de Portugal. Com isto pretendem identificar-se com a comunidade nacional à qual pertencem. O mesmo constatou Barton (1999) com os alunos dos EUA e da Irlanda do Norte, bem como Monsanto (2004) com as explicações de alunos portugueses acerca da significância

histórica de factos particulares da História de Portugal. É curioso constatar neste estudo, que os alunos deixam de usar a primeira pessoa do plural, e passam a recorrer à terceira pessoa do plural quando na sua perspectiva reconhecem defeitos no povo português. Podemos aventar a hipótese destes alunos não quererem assumir determinadas atitudes e comportamentos que eles próprios reconhecem em algumas pessoas.

Todos os alunos vêem o passado histórico com optimismo, e de uma forma positiva, chegando mesmo a “enfeitarem” ou a mitificarem esse mesmo passado, na medida em que para a grande maioria dos alunos, os portugueses foram no período Expansionista uns heróis, os Descobrimentos uma epopeia, uma aventura e o relacionamento com os outros povos carregado de fraternidade. Esta ideia que constróem do passado é contrária àquela que constróem do presente. Este facto vem demonstrar que estes alunos são influenciados pelas situações que eles próprios presenciam no seu quotidiano, como o estado da economia do seu país, que eles tanto falam. Também nas respostas destes alunos constatou-se que não fizeram qualquer alusão a alguns efeitos negativos da expansão, talvez os professores quando abordam esta temática não os contemplem, mas também os próprios manuais pouca relevância atribuem a estes efeitos.

Com este estudo de investigação no domínio da Educação histórica, foi assim possível chegarmos a alguns resultados acerca do Conhecimento Tácito Substantivo Histórico, que os alunos envolvidos, convocam quando pretendem compreender o fenómeno em estudo: Contactos entre Povos e Culturas diferentes no âmbito dos Descobrimentos. Contudo, outras sugestões apresentamos para **estudos futuros**:

Consideramos que seria de interesse e partilhando as sugestões de Melo (2003a), desenvolver outros estudos com uma amostra maior, compreendendo alunos de outras áreas geográficas do país, assim como com outras origens étnicas e culturais. Achámos também que seria relevante explorar as ideias tácitas de alunos mais novos como por exemplo do 1º ciclo mais propriamente dos 3º e 4º anos. Isto porque por um lado, permitir-nos-ia ter uma ideia sobre o pensamento dos mais novos em relação a determinados temas da História; e por outro, poderíamos ficar a conhecer sobre como a História é transmitida aos alunos, dado que normalmente a História no 2º ciclo é ensinada em combinação com conteúdos que fazem parte das ciências sociais. Seria

também de interesse explorar as ideias tácitas dos alunos acerca de determinados temas da História como: Pré-História; Cristianismo; Civilização Romana; Segunda Guerra Mundial; Mundo Comunista, Imperialismo, Colonialismo.

Outro estudo que nós sugerimos e que seria bastante pertinente consiste no levantamento das ideias tácitas dos professores acerca de um determinado conteúdo da História. Os professores de História devem estar atentos e considerar o Conhecimento Tácito Substantivo Histórico dos alunos, proporcionam-lhes momentos de reflexão e de discussão, de forma a que eles sejam capazes de explicitarem as suas ideias provenientes do seu meio social e das suas vivências diárias. O mesmo devem os professores aplicar o seu próprio conhecimento tácito para que proporcionem aos alunos aprendizagens mais significativas. Segundo vários autores o papel do professor é relevante nestes momentos. Melo (2003b: 1071) refere:

*Esquecemo-nos, por vezes que o professor também ele possui o seu conhecimento tácito que persiste convivendo com o oriundo da sua formação científica. Também ele peneira o saber histórico, usando crivos religiosos, políticos e culturais, que na maior parte das vezes não são manifestos nem reconhecidos pelos próprios.*

Também Evans (1994) no seu estudo de investigação demonstrou que o ensino da História é influenciado pelas concepções que os professores têm sobre esta disciplina, mas também demonstrou que os professores exercem influencia na compreensão que os alunos fazem da História.

Deste estudo podem também ser retiradas algumas **implicações**, para o ensino da História em Portugal. Os resultados obtidos podem de certa maneira conduzir os professores a valorizarem o Conhecimento Tácito Substantivo Histórico dos alunos sempre que leccionarem um novo conteúdo programático, podendo desta forma alterar as suas práticas pedagógicas ao criarem um momento da aula destinado ao levantamento das ideias tácitas e ao trajecto para a mudança conceptual.

Existindo nos professores uma preocupação inicial de levantamento das ideias dos alunos trazidas do meio onde eles se inserem e das suas vivências diárias, podemos dizer que estes estão a proporcionar aos seus momentos de construção da sua própria aprendizagem. Deste modo é atribuído aos alunos um papel activo dentro da sala de aula. Cabe assim aos professores descobrirem e dirigirem as ideias com que os alunos

estão a trabalhar, pois só assim é possível confrontá-los com as ideias mais formais de forma a proporcionar-lhes a mudança conceptual.

Em relação aos manuais deverão ter em conta o Conhecimento Tácito Substantivo Histórico dos alunos, podendo nos cadernos de actividades, contemplarem um espaço destinado à exploração deste tipo de conhecimento.

Em relação ao tema histórico específico “Encontro entre Povos e Culturas Diferentes” é pertinente que os professores reflectam sobre alguns aspectos, por vezes “desconfortáveis”, para eles e para os alunos, que este tema pode proporcionar. É necessário que não sejam silenciados os assuntos menos agradáveis, pois numa sociedade cada vez mais globalizada e plural, as diferenças étnico-culturais, podem vir a fazer parte das nossas salas de aula. Daí que os professores devam falar abertamente com os alunos sobre raças, conflitos culturais, injustiças e opressão. Agindo desta forma, procuramos que os alunos vejam a História com significado e relevância e só assim poderão agir futuramente como cidadãos conscientes, tolerantes e compreensivos numa sociedade aberta, democrática e multicultural.

Levstik (2000) no seu estudo acerca das concepções dos professores e alunos sobre a importância histórica, constatou que os professores não abordavam os temas mais polémicos da sociedade americana, enquanto os alunos revelavam mais curiosidade e interesse em estudar temas como por exemplo o racismo na sociedade americana. É necessário termos em conta assuntos como racismo; xenofobia, confrontos étnicos; nacionalismos entre outros, que tal como já se constatou neste estudo, não são abordados nas aulas pelos professores, nem pelos manuais de História ou se o são é de uma forma muito superficial que não dá espaço para os alunos reflectirem e deste modo não podemos esperar da parte deles grandes resultados.

Esperamos que este estudo seja mais um contributo para os professores aprenderem um pouco mais do mundo conceptual dos seus alunos, podendo os alunos terem a oportunidade de ver as suas ideias tácitas valorizadas e sentir que são agentes de construção do seu conhecimento.